

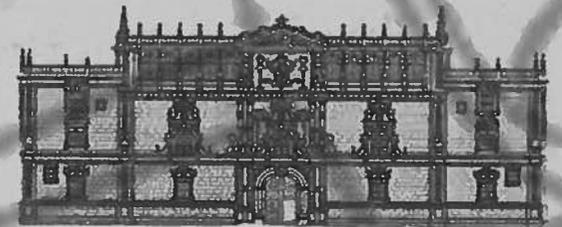
CIENCIA Y TÉCNICA EN LA UNIVERSIDAD

Trabajos de Historia de las Ciencias
y de las Técnicas

Volumen I

OBRAS COLECTIVAS
HUMANIDADES 77

UAH



SOCIEDAD ESPAÑOLA

Ciencia y Técnica en la Universidad

Trabajos de Historia de
las Ciencias y de las
Técnicas

Volumen I

UAH OBRAS COLECTIVAS
HUMANIDADES 77

El contenido de este libro no podrá ser reproducido,
ni total ni parcialmente, sin el previo permiso escrito del
editor. Todos los derechos reservados.

© Universidad de Alcalá, 2018
Servicio de Publicaciones
Plaza de San Diego, s/n
28801 Alcalá de Henares
www.uah.es

I.S.B.N Volumen I: 978-84-16978-80-9
I.S.B.N. Obra Completa: 978-84-16978-79-3
Depósito Legal: M-35758-2018

Diseño de cubierta: Ana Callejas

Realización: Imprenta Roal
Gamonal, 5. 28031 Madrid

Impreso en España

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| PRÓLOGO | 13 |
| CIENCIA Y TÉCNICA EN LA UNIVERSIDAD | 15 |
| Hipócrates de Cos en Alcalá de Henares José Luis PESET REIG | 17 |
| <i>Los Estatutos de la Universidad Real de Hyrache en el Reyno de Navarra</i> (1618) y la concesión de grados en Medicina durante el siglo XVII Fernando SERRANO LARRÁYOZ y Gerardo MARTÍNEZ HERNÁNDEZ | 43 |
| La publicidad del pensamiento científico de Alcalá de Henares en el siglo XVI con el desarrollo de un complejo empresarial editorial monopolio de la Universidad Cisneriana Ana NASEIRO RAMUDO | 53 |
| La Universidad de Zaragoza (1646-1808) a través de sus libros de matrículas. Estudiantes de la Ribera del Jiloca José M ^a de JAIME LORÉN y Raquel LACUESTA GILABERTE | 65 |
| La escisión de la Universidad de Cervera y la creación de la Universidad carlista de Solsona (1838) durante el restablecimiento de la Universidad de Barcelona Carles PUIG-PLA | 79 |
| Apuntes sobre los estudios científicos en la Universidad de Zaragoza (1807-1868) Fernando VEA MUNIESA | 91 |

**CIÊNCIA E IDEOLOGIA NOS CONGRESSOS DA ASSOCIAÇÃO LUSO
ESPANHOLA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS. ESTRATÉGIAS
CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS***

Maria de Fátima NUNES

U. Évora / IHC-CEHFCi-U.E.- FCSH-UNL

Considerações de abertura

Partindo de duas realidades e da metodologia de método comparativo – Portugal e Espanha – JAE (1907-1939¹) e JEN (1929-1936), um ponto de encontro dos dois países. Fizemos um cruzamento de território de investigação que nos permitisse pensar em políticas científicas, em encontros de parlamentos itinerantes – Congressos científicos – e na política educativa para os Liceus, nos dois países, a partir de políticas científicas hierarquizadas *top-down*, como as que a JAE (Espanha) a JEN (Portugal) usaram. Está sobre a mesa discutir a importância que estes congressos desempenharam no contexto científico e nas diplomacias científicas nos dois países, no posicionamento que Portugal e Espanha se colocava face à Europa, mas também face à América Latina, mercê das relações históricas que os Estados peninsulares tiveram (e têm...) com esta parte do globo. A discussão que propomos neste texto parte da convergência de dois factores decisivos. Um, a dinâmica comparativa e transnacional decorrente do projeto em que este trabalho se encontra inserido - *Dinámicas de renovación educativa y científica en las aulas de bachillerato*; outro a vitalidade de novas agendas que a História da Ciência vai abrindo a partir de grupos de investigação consolidados com teses de doutoramento e rasgando novos caminhos em publicações internacionais². As linhas de cruzamento o projeto comparativo cruzaram barreiras cronológica distintas, entraram em agendas de história política e da história da educação que se mesclaram com políticas científicas de Estado; ou seja a diplomacia científica e a educação científica, humanística e cultural que deve existir nos cursos dos Liceus, para Portugal e para Espanha, em conjunto ou em separado³. Um périplo de observação que pode ser mapeado entre Sevilha: 1917; Porto: 1921;

*Inserido no Projeto: *Dinámicas de renovación educativa y científica en las aulas de bachillerato (1900-1936): una perspectiva ibérica*. [HAR2014-54073-P] – Madrid

¹ Referencial de <http://www.jae2010.csic.es/historia.php> [acedido 30-11-2017]

² *The Portuguese Journal of Portuguese Social Science* (March 2017)– *History of Science new path(es)* coord. Maria de Fátima Nunes e Luís Miguel Carolino.

³ Tomando como referencial a plasticidade científica presente em AGOAS; Frederico (2010) *Saber e poder estado e investigação social agrária nos primórdios da sociologia em Portugal* [Dissertação de Doutoramento]. FCSH – UNL.

Coimbra: 1925; Lisboa: 1932; Porto: 1942 de forma a entrar no território do Estado português, como anfitrião dos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso da Ciência.

Tínhamos como ponto de referência trabalhos semelhantes realizado para grandes congressos internacionais e científicos que tiveram lugar em Portugal desde o último quartel do século XIX⁴. Tínhamos pois um modelo e uma gramática para apurara se a imprensa mostrava, ou não, a mesma recetividade para com estes congressos científicos luso-espanhóis feitos quase sempre em contra corrente de formação ideológica do Estado Português vs. Estado Espanhol (Monarquia (Es), República (Pt), Ditadura (Pt), Republica (Es) e por fim Ditaduras nos dois países. A cronologia usada foi a dos Congressos que tiveram lugar em Portugal, no eixo das cidades universitárias – Porto, Coimbra, Lisboa, depois do *congresso de viragem* de Sevilha com o Matemático português, do Porto, Francisco Gomes Teixeira⁵. Um olhar pela cartografia da P. Ibérica permite ver uma certa triangulação de Portugal com Espanha, entre 1917 e 1942, pelo lado português dado que são as cidades com Universidade que acolhem os congressos em Portugal, ou seja o eterno trio de século XX (até à Democracia, 1974) de Coimbra, Porto e Lisboa. A cidade de Sevilha é um espaço mítico para o diálogo invisível, quer em 1917, em congresso da Associação Espanhola de Progresso da Ciência, quer em 1929, na Exposição Ibero-americana na qual Portugal esteve representado e onde o papel da Matemática no escopo histórica de Portugal e da Península Ibérica esteve muito vincado⁶. E desde já se adivinha na paisagem temática destes Congressos com a política educativa para Liceus um nó górdio: a temática dos descobrimentos e os contributos científicos – e.g. matemáticas - culturais, linguísticos, humanísticos e filosóficos que o eixo do Atlântico permite enquadrar no

⁴ NUNES, Maria de Fátima (2012) «Cientistas em Acção: Congressos, Práticas Culturais e Científicas (1910-1940)». En: NETO, Vítor (coord.) *Republica Universidade e Academia*: 291-312. Coimbra: Almedina. 291-312; NUNES, Maria de Fátima (2002), «O público entendimento da ciência nos congressos da associação para o progresso das ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais». *Cepese. Publicações Revista População e Sociedade*, 8: 231-244.

⁵ KHARLAMOVA, Vera Ivanovna (2013) *F. G. Teixeira e a comunidade matemática europeia nos séculos XIX e XX* [Tese de Doutoramento]. Aveiro: Universidade de Aveiro; e ainda BERNARDO, Liliã Leitão (2006) *O Primeiro Congresso Português para o Progresso das Ciências* [Dissertação de Mestrado]. Aveiro: Universidade de Aveiro; MORAIS, Marta Lúcia de Castro (2007) *A primeira década dos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências* [Dissertação de Mestrado] Aveiro: Universidade de Aveiro.

⁶ NUNES, Maria de Fátima (2010) «Memória (e) História da Matemática em Portugal (1900 – 1940): A construção de uma identidade científica europeia». *Boletim da SPM*, 65: 73– 87.

ensino liceal para as gerações vindouras, sob a arquitetura de programas das várias disciplinas, a serem ensinadas nos Liceus de Portugal e de Espanha – com tradições e formatações diferenciadas – mas que formarão a elite social e académica que deverá entrar na(s) Universidade(s). Ora é a elite universitária portuguesa e espanhola, responsáveis por políticas científicas e de educação, que vamos encontrar plasmadas na abundante documentação produzida pelos comités responsáveis por estes Congressos⁷. É, pois, importante considerar que este contributo, no âmbito do Simpósio temático do Projeto referenciado, pode levantar pistas para possíveis alteração de doutrinas de práticas educativas que as elites científicas, em conjunto com elites de poder político/poder universitário nos dois países, via a Junta de Ampliaciones de Estudios -1907-1938 - e via a Junta de Educação Nacional - 1929-1936⁸.

O escopo dos Congresso dentro do Projeto. Genealogias e marcas identitárias

No itinerário geográfico proposto pode-se construir identidades nacionalistas de história (s) peninsular, que podem ser usadas no ensino nos Liceus, a partir da importância histórica e de construção social e ideológica de memória educativa; para 1917 a importância de Sevilha; em 1921 a cidade do Porto, a cidade de Francisco Gomes Teixeira; 1925, em fim de República Velha, Coimbra de Joaquim de Carvalho acolhe congressistas; uma passagem por uma Sevilha de 1929 em Exposição Ibero-Americana; um salto a Lisboa, 1932, um Portugal já ditadura militar (Maio de 1916) onde Salazar já imperava como Ministro das Finanças e finalmente o Porto de 1942 com alemães e ingleses em plena Segunda Guerra Mundial. Relembramos a tradição da comunidade inglesa no Porto, desde o século o final do século XVIII, com negócios ligados às Companhias de Vinho do Porto coexistindo com a visível presença da cultura alemã no século XX, nomeadamente com a Escola Alemã e o *Goethe Institut* na cidade nortenha⁹. Entre 1932 e 1942 não se registaram em Portugal Congresso Luso-Espanhóis; por um lado o contexto espanhol foi extremamente difícil, por outro foi um período que Portugal protagonizou um largo número de congressos científicos

⁷ A documentação dos Congressos Luso-espanhóis foi consultada – no suporte de Actas editadas pela Associação Luso-espanhola para o Progresso da Ciência – em <http://simurg.bibliotecas.csic.es>

⁸ LOPES, Quintino (2017) *a junta de educação nacional (1929/36) traços de europeização na investigação científica em Portugal*, [Tese de Doutoramento]. Évora: Universidade de Évora.

⁹ NINHOS, Cláudia (2016) «Para que Marte não afugente as Musas». *A Política Cultural Alemã em Portugal e o Intercâmbio Académico (1933-1945)*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e ainda CLARA, Fernando; NINHOS, Cláudia (eds.) (2015) *Nazi Germany and Southern Europe, 1933-45: Science, Culture and Politics*. London: Palgrave Macmillan.

internacionais e participação em Exposições em grande escala. O eixo de diplomacia científica nos anos trinta do Estado Novo estava fortemente marcado pela «política do espírito» de António Ferro e pela europeização de demonstra o território português, para turismo, para afirmação colonial e de nova construção, Estado Novo, armas utilizada pela II Republica, Republica do Estado Novo, com nova constituição corporativa totalitária de 1933 que perdurara até à Constituição de 1976, já em Democracia.

Congresso do Porto 1921: retrato de um congresso

Um contexto especial. Portugal – Porto em contexto de pós fim I Grande Guerra, após o desastre da participação portuguesa através do CEP (Corpo Expedicionário Português) lado a lado com o toque de invisibilidade e o silêncio em torno de 1917 – a revolução russa! Temos uma necessidade de criar uma narrativa para o Congresso Científico do Porto – o primeiro Luso-espanhol, o ponto de partida para uma parceria na Península que se desejava de longa duração. Se de um lado ainda existe um Portugal republicano, saído da I Grande Guerra e fazendo parte da Liga das Nações / Sociedade das Nações, de outro temos uma Espanha de Monarquia restaurada em fim século, pontuada por Alfonso XIII e pelo dinamismo cultural, científica e pedagógica ambiente de caldo cultural de Junta de Ampliaciones de Estudios (1907). É neste encontro / desencontros que decorre o Octavo Congreso celebrado en la ciudad de Oporto del 25 de junio al 1 de julio de 1921¹⁰, que teve como figuras emblemáticas o higienista Ricardo Jorge¹¹ e Carolina Michaelis¹², unidos pelo fio condutor de uma memória comum da Península Ibérica, depois do século XVII (1640). Uma alocução com duas intervenções – Carolina Michaelis (alemã, professora catedrática da Universidade de Coimbra) e Ricardo Jorge, abrindo a janela para algumas invisibilidades do Congresso¹³.

¹⁰ Consultável em:

http://simurg.bibliotecas.csic.es/viewer/image/CSIC000028432_V01/1/LOG_003/?jsessionid=F55A2A980224196400B3B32065EA0BBB

¹¹ BENCHIMOL, Jaime Larry (2013) «Ricardo Jorge e as relações entre Portugal, Brasil e África: o caso da febre-amarela». In: FIOLHAIS, Carlos; SIMÕES, Carlota & MARTINS, Décio (eds.) *Da ciência luso-brasileira*, 229-249. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

¹² NUNES, Maria de Fátima (2007) «Carolina Michaelis de Vasconcelos - a construção científica nas Ciências Humanas na esfera do Positivismo». In: *Género, Diversidade e Cidadania*, 89-100. Lisboa: Colibri.

¹³ JORGE, Ricardo (1921) *A intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro. Conferência plenária proferida a 27 - 6 - 1921 no Porto perante o Congresso Científico Luso-Espanhol com um prefácio de Professora D. Carolina Michaelis de Vasconcelos*, Porto: Tip. Araujo.

Vejam alguns detalhes. Carolina interpela e agradece Ricardo Jorge, sobre o momento do seu discurso no salão nobre da Faculdade de Medicina do Porto, 27 de Junho, por ocasião do Congresso Luso-Espanhol (sic). Porquê? Carolina, depois de cumprimentar e dedicar a sua conferência a D. Leonor dos Santos Jorge, faz um prólogo e um elogio a conferência «A intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro» de R. Jorge? Pela reabilitação da sua figura de alemã instalada no Porto, e parte de uma elite académica e científica do Porto – A separata tem a lista do que se pode considerar a elite portuense congregada em congresso, no «Congresso Científico do Porto». E no Salão Nobre da Universidade do Porto proclama que:

Ao Dr. Ricardo Jorge devo gratidão; e digo neste lugar o meu simples «muito obrigada», não só porque me associou à Conferência sobre a «A intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro», mas também, porque do mesmo modo já procedera com relação ao volume que té hoje é a sua maior obra como homem de letras e hispanófilo: o Estudo Biográfico e Crítico sobre Francisco Rodrigues Lobo (Coimbra, 1920)¹⁴ [poeta de Leriei, poeta do Liz, e cobre o período da união dinástica - Leiria, 1580 — Lisboa, 4 de Novembro de 1621] (p. XV) [...] desejo chamar a atenção das Associações Espanholas e Portuguesas para o Progresso das Ciências; ou por outro os que investigam e patrocinam a cultura e intercultura peninsular (p. XVI)¹⁵.

Só depois se segue a conferência de Ricardo Jorge o qual evidencia o seu toque de cultura humanística com a sua formação de higienista:

Nas faculdades de letras faça-se a consagração catedrática das duas literaturas e das duas histórias [Portugal e Espanha / Castela]. Nas nossas desgraçadamente cava-se essa deplorável lacuna; não conheço nenhuma mais censurável na nossa instrução superior [...] Nos outros ramos universitários essas ligações naturais sejam sempre presentes, no estudo da geologia e da paleontologia, da fauna e da flora, da antropologia e da pré-história, da geografia médica e da epidemiologia, da arqueologia e da etnografia, das instituições sociais e políticas, etc. Estas reformas, fáceis de introduzir na didática oficial, tem de completar-se pela criação em cada país dum colégio ou escola superior de hispanologia, inteiramente binacional, com professores e discípulos daqui e dali – centros de ensino e de investigação de tudo quanto interesse à literatura e à ciência dos povos ibéricos, em si e nas suas aplicações ao progresso peninsular e, todos os seus modos [...] Desta cooperação central partilharam os países sul-americanos, honra e glória da colonização luso-castelhana; e a ela se aliarão os mestres e cultores que aos hispanismos consagram denodamento talento e erudição na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália e nos Estados Unidos [...] Estes centros de pesquisa,

¹⁴ Informa Carolina que a obra teve lugar primeiro na *Revista da Universidade de Coimbra*, levou anos a ser publicada, 1913-1918 [tempo da I GG] e luxuosa edição recentemente produzida é muito diminuta e de pequena circulação.

¹⁵ *Op. cit.*, p. XVI.

estudo e difusão teriam ainda por atribuição relevante a proteção das obras de arte e dos monumentos históricos, e a própria proteção dos artistas e dos intelectuais cada mais sufocados pela onda mercantil e manual. Ouça-se o brado de salvação ontem proferido pela boca autorizada do reitor da universidade de Lisboa, Pedro da Cunha¹⁶.

Em debate podem estar vários sinais. O reviver da figura de António Sérgio e a ideia de «Junta de Orientação dos Estudos» Junta de Ampliação de Estudos – republicanismo – e a vertente atlântica e Europa depois da Guerra. Um Ricardo Jorge como membro da Sociedade das Nações / Liga das Nações, através do «comité international d'Hygiène Publique e no Comitê de Higiene da *Liga das Nações*»¹⁷, a defender a *hispanologia*. Um Ricardo Jorge já a apontar o reitor de Lisboa – onde ele se encontra – e Pedro José da Cunha a começar o seu périplo e matemático e orador destes congressos e organizador de vários eventos científicos na década de trinta¹⁸.

A historiografia de *mainstream* oficial esclarece para a história oficial do Instituto Camões¹⁹ que consideramos que vale a pena aqui colocar em palco pelas palavras de Maria Fernanda Rollo:

¹⁶ *Ibidem*, p. 47.

¹⁷ Sociedade das Nações. Relações Diplomáticas: Em 10 de Janeiro de 1920 entra em vigor o Pacto da Sociedade das Nações simultaneamente com o Tratado de Paz de Versailles. Portugal foi membro fundador da Sociedade das Nações (SDN), tendo assinado o Pacto em Sèvres em 10 de Agosto de 1920. Em 2 de Abril de 1921 ratificação do Pacto constitutivo da Sociedade das Nações (Diário do Governo, I série, nº 67). Primeira Enviatura: Em 28 de Dezembro de 1926 toma posse da Chancelaria Portuguesa junto da Sociedade das Nações, Francisco de Assis Calheiros e Menezes. Observações: Em 24 de Janeiro de 1919 são recebidas em Paris as «Instruções Gerais» para a Delegação Portuguesa à Conferência de Paz. Em 27 de Janeiro de 1919 Portugal é eleito para a Comissão da Sociedade das Nações (SDN). Em 12 de Março de 1919 Afonso Costa substitui Egas Moniz na chefia da Delegação portuguesa à Conferência de Paz. A nova delegação integra também Augusto Soares, Norton de Matos, Jaime Batalha Reis, Freire de Andrade, João Chagas, Augusto de Vasconcelos, Teixeira Gomes, Vieira da Rocha, Botelho de Sousa e Álvaro de Castro. Em 10 de Setembro de 1919, Portugal assinou a Convenção de St. Germain-en-Laye, que dava sequência à conferência de paz para os assuntos coloniais. Em 18 de Novembro de 1920, Afonso Costa é nomeado, em Genebra, para o cargo de Vice-Presidente da Comissão de Organização Jurídica da Liga das Nações. Em 16 de Dezembro de 1920 é assinado o Protocolo do Estatuto do Tribunal Permanente de Justiça Internacional. Em 2 de Novembro de 1928 toma posse da Chancelaria o Ministro Plenipotenciário acreditado em Berna, Vasco Francisco de Quevedo. [<https://idi.mne.pt/pt/relacoes-diplomaticas-de-portugal/394-relacoes-diplomaticas-portugal-sociedade-das-nacoes.html>]

¹⁸ BERNARDO, LUÍS MIGUEL (2013) *Cultura científica em Portugal: uma perspectivahistórica*. Porto: Ed. Universidade do Porto.

¹⁹ ROLLO, Maria Fernanda; QUEIROZ, I., BRANDÃO, Tiago (2011) «Pensar e mandar fazer ciência. A criação da Junta de Educação Nacional e a política de organização

Foi essencialmente no quadro das transformações decorrentes do primeiro conflito mundial, que emergiram estes novos projetos, destacando-se a «proposta de Lei para a Reorganização da Educação Nacional» de João Camoesas em 1923 (apoiada, entre outros, por Jaime Cortesão e António Sérgio), e que refletia já mais claramente a vontade de criação de organismos de apoio às investigações científicas – neste caso projetando a criação de uma «Junta Nacional de Fomento das Atividades Sociais e Investigações Científicas». Era já evidente a recorrência destas propostas: depois da tentativa falhada de Camoesas, cujo projeto ficou suspenso em resultado da queda do governo, foi a vez de António Sérgio, ministro da Instrução Pública que, em dezembro de 1923, obteve a promulgação de um decreto prevendo a criação da referida «Junta de Orientação dos Estudos» e confirmando já o quadro de indispensabilidade de «criar um organismo técnico permanente que oriente e coordene não só todos os esforços de atualização do ensino português como todos os trabalhos de investigação científica», a na linha do que Sérgio vinha, aliás, defendendo publicamente desde 1919²⁰.

Quanto aos conteúdos científicos emblemáticos dos Congressos registamos a Sessão de abertura no Teatro S. João. Discurso inaugural do matemático de perfil internacional Francisco Teixeira Gomes no contexto da colaboração de portugueses e espanhóis nas grandes navegações dos séculos XV e XVI, com fotografia no jornal diário, editado em Lisboa, *O Século*²¹, primeira página. Uma temática que vai perdurar nos seguintes, e incluindo a participação de Portugal na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, 1929, com a produção de uma memória científica nacional – nacionalista da história das matemáticas, de longa duração, remontando ao tempo longo de Pedro Nunes (séc. XVI). E neste território começamos a ver uma ponte entre o ensino secundário, para liceus e estes pontos de relevo no Congresso Científico do Porto! O papel de Portugal e Espanha na Europa e no mundo! Uma temática que moldará o ensino da História e da Geografia nos dois países.

Alguns dados adicionais. Joaquim de Carvalho está no Porto a presidir à secção – Filosofia (acompanhado de Delfim Santos). Há um peso simbólico e invisível de Coimbra, neste Congresso do Porto. Muito dificilmente o próximo não podia deixar de ser na *Alma Mater*, a cidade da universidade mais antiga ... Joaquim de Carvalho como Presidente de secção científica souber manobrar as influencias políticas muito bem, tal como viria a fazer para 1940, para o Congresso da Atividade Científica em Portugal²². Muitos indicadores param se perceber que o próximo

científica do Estado Novo». *Ler História*, 61 (Dossier: Novas Perspetivas na História dos Transportes): 105-145.

²⁰ *Ibidem*, p.106-107.

²¹ *O Século*, 27 Junho 1921, p. 1.

²² NUNES, Maria de Fátima (2004) «On the History of Science in Portugal (1930-1940): The sphere of action of a scientific community». *e-JPH*, 2(2).

congresso teria que ser em Coimbra, na Universidade de Coimbra, logo em 1925 – um pouco antes do golpe de 28 Maio de 1926! Ou seja olharmos para o Mapa e entender a triangulação com ponto de referência da cidade de Sevilha que abre caminhos para cidades portuguesas – Porto; Coimbra; Lisboa; Porto dentro do recorte temporal que alocamos a este contributo.

Congresso de Coimbra 1925; o peso da «Alma Mater» na diplomacia científica interna da Republica Portuguesa

Para traçar o perfil do Congresso de Coimbra há que mencionar a JAE portuguesa e o papel de Joaquim de Carvalho que já tinha estado no Porto, como Presidente da secção de Filosofia e que tem já um papel destacado na Universidade de Coimbra, sobretudo em instituição *O Instituto* que vai ter um papel destacado na organização e na mostra pública do Congresso Científico de Coimbra. Podemos destacar, pois, que teve um papel aglutinador e de sinalização institucional. Para este congresso destacamos o caso extraordinário do bolseiro da JAE. O caso do bolseiro JAE espanhol: Ruben Landa (1890-1978): *La enseñanza secundaria en Portugal* ²³. O escopo do relatório centra-se numa comparação entre os Liceus em Portugal e em Espanha. Assim Landa pega nas reformas portuguesas de 1894-95 de João Franco, como Diretor Geral da Instrução Pública, e de Jaime Moniz, já na República, um ponto de partida para comparar os Liceus portugueses de fim de século XIX – monarquia – com os da República, sem que dessa mudança de regime anular se faça grande ruído. Mencionam-se reformas republicanas de 1911. Reforça-se a importância do modelo alemão nas reformas de ensino em Portugal – Francisco Adolfo Coelho – filologia e a pedagogia que colaborou com Jaime Moniz. Aponta-se a grande novidade de 1901, o Liceu para senhoras, D. Maria Pia, no Porto. Landa regista o resultado das visitas aos Liceus de Coimbra, Évora, Santarém e Leiria. Mas foi em Lisboa que se deteve para o estudo interno de comparar o sistema pedagógico e científico de Portugal com Espanha – e com grande lisonja e elogios para o caso português (em Espanha vivia-se Monarquia...). Visitou, esteve, falou, participou, perguntou, falou, leu, folheou revistas pedagógicas e científicas nos Liceus portugueses. Observou Clubes e seções temáticas – excursões, desporto, literatura e ciência, cooperativismo, a par de atividades como a jardinaria, os trabalhos manuais e as ações organizativas dos estudantes, sócios e com excursões organizadas. Um olhar ainda de espanto para a Casa Pia e o seu grau de autonomia, sob a direção de de um médico, com quem falou, as atividades e o recrutamento específico de professores. Concurso de educação física - futebol e natação. As exposições dos trabalhos de Geografia e Manuais.

²³ LANDA, Ruben (1925) «La enseñanza secundaria en Portugal. Conferencia». *Décimo Congreso celebrado en la Ciudad de Coimbra del 14 al 19 de junio de 1925*, Tomo II, Madrid, 1925-1927, p. 21-44.

Construções escolares de Raul Lino. A arquitetura portuguesa para os edifícios escolares. Um relatório recheado de ideias, de referências e de várias comparações, enaltecendo de forma muito clara a realidade portuguesa neste momento de vivências de I República, após fim da I Grande Guerra²⁴.

Celestino da Costa: a força da JEN, Lisboa 1932. Política científica para a sociedade – liceal vs ensino superior e investigação

Fixemo-nos no «Congreso decimotercero celebrado en la ciudad de Lisboa del 15 al 21 de mayo de 1932» (Vol. 01)²⁵. Celestino da Costa é a figura central – figura chave – para este contributo para estes dois simpósios temáticos e que se liga diretamente com o funcionamento da JEN – Junta Educação Nacional (1929-1936), para este *Congreso decimotercero celebrado en la ciudad de Lisboa del 15 al 21 de mayo de 1932*. Sigamos de perto o discurso inaugural de Celestino da Costa. Lisboa 1932.

A escola é pois o cadinho em que funcionam todos os elementos sociais heterogêneos de que as nações se compõem. Em Portugal a fusão é feita na escola secundária e não na primária. O liceu é a nossa verdadeira escola única, agente eficaz na democratização da sociedade portuguesa; a história e a geografia, as ciências, o desenho e, nem sempre, a filosofia, a iniciação musical e artística e a ginástica. Eis os elementos do ensino do liceu, durante o qual o escolar passa de criança a adolescente [...]²⁶.

E Celestino da Costa continua:

[...] Hoje digam o que quiserem os admiradores exclusivistas do ensino clássico, não há só essa maneira de formar um homem. As humanidades modernas não precisam de ter como eixo o latim e o grego e carecem de conhecimentos mais sólidos das ciências. O programa do ensino secundário havia fatalmente de se modificar, visto que o homem não vive hoje como nas épocas de apogeu do velho ensino das humanidades clássicas [...] O liceu deve ensinar muito bem a língua pátria. Tal não acontece infelizmente em Portugal.[...] O papel formativo que dantes cabia quase exclusivamente ao latim hoje pode repartir-se pelas línguas vivas. Três delas são necessárias ao médico sobre todas as outras, francês, inglês, alemão. O tempo que ao seu estudo consagrarem os alunos dos liceus é do mais útil; o conhecimento daqueles três idiomas, mesmo limitado à tradução, abre muitas portas da ciência médica [...] História e

²⁴ Em língua portuguesa, a grande fonte para o congresso de Coimbra é a revista da Universidade de Coimbra *O Instituto*, que vem a publicar esta conferência para uma circulação mais ampla e seguramente pelos Liceus e pelos professores de Portugal e de Espanha.

²⁵ Acessível em: http://simurg.bibliotecas.csic.es/viewer/image/CSIC000028415_V01/1/LOG_0003/

²⁶ Celestino da Costa, «Discurso inaugural», *op. cit.*, p.125.

geografia quando bem ensinadas, principalmente a história, constituem fontes de instrução²⁷.

Celestino da Costa vai explanando as virtudes de ensino nos Liceus de todas as matérias – história e geografia, ciências naturais, ensino das ciências (disciplinas de laboratório - física, química) e a matemática, numa clara ligação entre o ensino Liceal e uma possível renovação pedagógica e a investigação científica sob a alçada da Junta de Educação Nacional, na época sob a sua direção.

Porto 1942. Diplomacia científica peninsular ou a coerência de ditaduras

Resta-nos falar do nosso último *focus* de análise neste Simpósio. A *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Discurso inaugural da 4 secção do Congresso Luso-Espanhol do Porto. 4 Congresso Associação Portuguesa para o Progresso da Ciência. XVII Congresso da Associação Espanhola para o Progresso da Ciência, ou seja o Congresso Luso-Espanhol do Porto, 18-24 de junho 1942*²⁸. Uma apresentação de nomenclatura excessiva, pesada, simbólica tal como foi a sessão de abertura no Teatro São João, no Porto.



Figura 1. Portugal e Espanha em abertura oficial de Congresso, 1942, sob a cenografia de colunas de poder identitária de cada um dos Estados. Duas ditaduras que se encontram em tempo festivo, marca de contraste com a Europa em guerra, ou cenografias de poder com uso de retórica científica.

²⁷ *Ibidem*, p. 125 -126 - 127.

²⁸ Acessível em:

http://simurg.bibliotecas.csic.es/viewer/image/CSIC000581903_V02/1/LOG_0003/?jsessionid=B0E65A4AC334039998F4F121D8C6D355

Impera a figura de Eusébio Tamagnini (antigo ministro da Instrução Pública em 1934-1936 (nos 10 anos da Revolução Nacional -1926-1936 - tempo da primeira purga de expulsões de professores da Universidade portuguesa²⁹) e catedrático da U Coimbra, em 1942³⁰. Tamagnini queixa-se da incumbência de abertura da secção. Discurso pesado, lamurioso, mas que faz por dever da Pátria. «...em benefício da cultura das ciências no meu país»³¹.

Citemos alguns excertos da sua intervenção:

Os candidatos aos estudos superiores chegam assim, sob o ponto de vista da cultura e educação biológica, às universidades, mal orientados e absolutamente falhos de métodos e de conhecimentos reais. Mas infelizmente, não se poderá dizer, com verdades, que nestas paragens, achem finalmente aqueles sistemas científicos que têm incontestavelmente direito de encontrar nas Escolas superiores dum país que se diz civilizado! Na realidade, as circunstâncias em que se desenvolve a atividade pedagógica das Faculdades universitárias portuguesas são muito precárias. [...] as causas de semelhante estado de coisas são muito remotas e várias. Um dos maiores malefícios feitos à cultura das ciências em Portugal resultou da reforma dos estudos de 1911.

As ciências da Natureza estão de rastos! É a síntese desta intervenção inaugural, em tempo de Guerra, com exercícios de bombardeamentos em Lisboa, tal como são noticiados pelas páginas dos jornais de época³². O Catedrático da Universidade de Coimbra, em palco cenográfico no Porto, crítica à I República de 1911! O mal de tudo! Estamos em 1942, no Porto, sob a Presidência de Mendes Correia. Bibliotecas e Museus estão de rastos. Enaltece o Ministro da Educação Nacional [Mário de Figueiredo] pela publicação do Dec. 25 de Novembro de 1941 terminado o seu discurso com «O bem da Nação exige política de verdade. Esta é a palavra de ordem do Chefe da Revolução Nacional, Dr. Oliveira Salazar, a quem deste lugar envio as mais cordiais saudações de amizade e respeito»³³.

Pedaço de um «discurso de velho», como o próprio se assume, falando apenas em seu nome, «sem recados de ninguém», muito azedo e demolidor do panorama nacional das ciências da natureza – ensino e investigação, com particular crítica para as Universidades - os velhos e os novos, os bolseiros e os outros, as expulsões que estão próximas, ou seja as de 1946 e 1947?

²⁹ Como Abel Salazar, Rodrigues Lapa, Sílvio Lima e Aurélio Quintanilha.

³⁰ TAMAGNINI, Eusébio (1943) *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Discurso inaugural da 4 secção do Congresso Luso-Espanhol do Porto, em 19 de junho de 1942*. Porto: Imprensa Portuguesa [opúsculo].

³¹ *Ibidem*, p. 5.

³² *O Século* 19 Junho 1942, p.1; 20 Junho, p. 1; 25 Junho, p. 1.

³³ TAMAGNINI, Eusébio (1943), *op. cit.*, p. 13.

Um balanço

Num breve escopo de balanço salientamos a emergência de uma agenda de ciência- educação e diplomacia científica, muito presente no projeto que nos galvanizou para organizarmos dois simpósios para este Congresso da cidade de D. Quixote - Alcalá de Henares. E de facto procurámos ver moinhos de vento em movimento, desafiando historiografias cristalizadas e aproveitando a dinâmica de jovens Doutores e Pós-Doc. em História da Ciência que realizam trabalhos comparados no contexto global da Europa do século XXI. Foi possível efetuar uma comparabilidade de cronologias políticas e o uso de História da Ciência – Educação no contexto da Península Ibérica. Encontros, sinalizando os desencontros ideológicos num tempo de uma Europa entre Guerras e com a «neutralidade» dos dois Estados peninsulares durante a II Grande Guerra, com uma arqueologia de encenação de poder presente em 1942, na cidade do Porto. Um subtítulo surge de imediato para este Congresso «especial»: As ditaduras peninsulares em Congresso Científico.

Mas é partindo deste exercício que somos capazes de moldar para o futuro novas agendas, tendo como protagonistas do fazer história os mediadores das invisibilidades, num palco inovador para pensar os Congressos Científicos Luso-Espanhóis no Projeto - *Dinámicas de renovación educativa y científica en las aulas de bachillerato (1900-1936): una perspectiva ibérica*. [HAR2014-54073-P] – Madrid. E volvidos várias décadas desde 1993 Zaragoza, *Ciência pela Pátria*, se entende como as agendas se internacionalizam, como não estamos de costas voltadas, mas antes ousamos enfrentar os desafios H 2020 / H 2030; a temática dos congressos científicos em Portugal e Espanha, com as cronologias usadas no recorte de análise traz-nos a agenda de exílios e de migrações.